

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Leitura e escrita: processos de autoria e co-autoria

Ana Lúcia Gomes da Silva¹

RESUMO: Este artigo discute sobre a leitura /escrita e seus processos de autoria e co-autoria a partir da apresentação e reflexão de sete deslocamentos que nos possibilitam compreender que ler e escrever traz implicações de diversas ordens, tais como: comprometer consigo e com o outro, ser referência de leitura e escrita, possibilitar o diálogo e a co-autoria como leitores e produtores de texto, além de perceber a leitura não apenas como prática escolar, mas também, como ato cultural e político que demanda políticas públicas para leitura, e que aponta a formação leitura como um processo multidisciplinar. Objetiva, pois, caracterizar o/a leitor/a como um ser comprometido/a com as transformações sociais, mas também com a de si mesmo. É na verdade compreender sua responsabilidade como sujeito leitor, que ao transformar a si, transforma o outro e a outra, pelo ato educativo, pelo exemplo, pela reflexão que possibilita. Aponta ainda algumas possibilidades transformativas advindas do ato de ler e escrever, além de refletir sobre o poder da leitura como maior possibilidade de inserção social, organização de classes, senso crítico, articulação política, e, sobretudo, modificação da estrutura social vigente se articuladas a outras transformações sociais. Afinal, os saberes se produzem e se compartilham através de determinados tipos de discursos, desde os científicos aos narrativos, tanto nos relatos literários como na vida cotidiana, passando por toda gama de discursos profissionais. Finalmente, o texto nos convida a compreender o nosso papel como mediador/a e orientador/a dos processos de leitura e escrita dos alunos e alunas. O que significa sermos leitores/as e produtores de texto de diversos gêneros textuais, em potencial dos gêneros acadêmico-científicos?

Palavras - chave: Leitura -escrita; Discursos; Deslocamentos; Textos; Autoria-co-autoria;

ABSTRACT: This article discusses the issue of reading/writing. It also discusses the process of authorship and co-authorship. The reference is a presentation and reflection of seven points which make us possible to understand that reading and writing imply a series of aspects such as: having a compromise with him/herself and with the Other; being a reference of reading and writing; making a dialogue possible in the condition of readers and producers of texts. Besides these aspects, it is necessary to perceive reading not only as a school practice but also as a cultural and political act which demands public policy for reading that points this formation as a multi instruction process. This work aims at identifying the reader as a person engaged with social changes and with him/herself. It means to understand his/her responsibility as a reader who by transforming him/herself will be transforming the Other, by educative act, by giving examples, by creating possible space for reflections. It also points out some transforming possibilities coming from the act of reading and writing. The reading power offers better possibilities to social inscription, class organization, critical sense, political articulations, and above all, modifications of the current social structure if it is articulated with other social transformations. After all, knowledge is produced and disseminated through certain types of discourses, from the scientific to the narrative ones in the literary reports and in the everyday life going through a series of professional discourses. Finally, the

¹ Universidade do Estado da Bahia - UNEB/ DCH IV. Núcleo de Estudos Orais Memória e Iconografia-NEO. Linha de Pesquisa Educação e Linguagem. E-mail: analucias12@gmail.com

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

text invites us to understand our roles as mediator and guider of reading and writing processes of students. What does it mean to be readers of texts of several textual genders, potentially academic-scientific genders?

Key words: Reading-writing; Discourses; Movements; Texts; Authorship/co-authorship.

1. Leitura: transformação de si e do outro

“Ser leitor/a é sentir-se comprometido com seu estar no mundo e com a transformação de si, dos outros, das coisas; é acreditar que se apreende o mundo quando se compreende o que o faz ser como é”. (Jean Foucambert, 1994).

Se ler é provocar mudanças é sentir-se comprometido com seu ser e estar no mundo, conforme nos sinaliza Foucambert na epígrafe que abre este texto, então proponho que façamos alguns deslocamentos necessários, a fim de que possamos olhar retrospectivamente e prospectivamente sobre nós mesmos, nossos atos, nossas leituras e o que verdadeiramente nós faz leitores e leitoras.

Primeiro deslocamento:

Considero como primeiro deslocamento o ato de fé, de crença, de vontade, é esta última quem nos move e também nos comove.

A fé a que me refiro não é uma fé religiosa, embora não a exclua, mas uma fé como vontade política, intencional, uma fé mais ampla, que como nos convida poeticamente Gonzaguinha é preciso ter “Fé na vida, fé no homem, fé no que virá, nós podemos tudo, nós podemos mais [...]”²

De fato podemos mais, se as políticas públicas para a cultura do livro e da leitura, promoverem acesso a todos que estão alijados do contato aos bens e usufrutos culturais. Se as nossas ações forem constantes, permanentes e deslocadoras, sim, se nos permitirmos alçar

² Ver “Nunca pare de sonhar” disponível em <http://vagalume.uol.com.br/gonzaguinha/directory/>. Acesso em 03.08.08.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

vãos mais ousados e altos em prol da formação leitora de crianças, idosos, jovens, docentes, para que a leitura seja uma prática social concreta no cotidiano, modificando a realidade insossa de muitas pessoas.

É preciso começar agora, nem antes, nem depois, pois nossos discursos precisam ser ações e não mais projetos, idéias, intenções. Reverter essa realidade perversa com violências e carências de todas as ordenas é nosso desafio maior e já está posto há muito, muito tempo....

Observem que na epígrafe que abre este texto, Foucambert conceitua que ser leitor/a é ser comprometido/a com as transformações sociais, mas também com as transformações de si mesmo, é na verdade compreender sua responsabilidade como sujeito leitor, que ao transformar a si, transforma o outro e a outra pelo ato educativo, pelo exemplo, pela reflexão que possibilita, pela “escuta sensível”, utilizando uma expressão de René Barbier (2000), que nos permite conhecer melhor nossos amigos, colegas, nossos pares, nossos alunos e alunas.

Mas, como nos diz Guiomar Grammont, (1999, p.1), ao afirmar:

Ler devia ser proibido [...] acorda os homens/*mulheres*³ para as realidades impossíveis, tornando-os/as incapazes de suportar o mundo insosso e ordinário em que vivem. [...] A criança que lê poderá tornar-se um adulto perigoso, inconformado com os problemas do mundo, induzindo a crer que tudo pode ser de outra forma.

E com certeza a realidade pode ser de outras e outras formas, com outros contornos e possibilidades, pois o poder advindo da leitura é transformador, desestruturante, inebriador, revolucionário, demasiadamente político, intencional, e traz sentidos plurais.

2. A leitura e a formação do leitor: os sentidos construídos ao longo da história

Segundo deslocamento: Formação de leitores e leitoras: um processo multidisciplinar

A compreensão da leitura como possibilidade transformadora é defendida por inúmeros teóricos que discutem o ato de ler, dentre eles, Ezequiel Theodoro da Silva (1988, p.99), que diz:

³ Grifo nosso para *leitora* na epígrafe e *mulheres* na citação de Guiomar.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

“: [...] a leitura, se empreendida criticamente, vem facilitar o surgimento da reflexão e da tomada de posição. ‘Reflexão’ significa a apropriação do nosso destino de existir [...] Por isso mesmo deve ser colocada como instrumento de participação, mudança e renovação sócio-cultural”.

Refletir, escrever, falar, sobre a leitura e o poder que dela emana, nos coloca numa ebulição profunda, inquietante, de deslocamentos, irrupção, fruição, responsabilidades compartilhadas, em que todos os sentidos e poros ficam num alerta constante, num frenesi próprio e apropriado dos que, como eu, sabem que formar leitores/as é tarefa complexa, que transcende o ambiente escolar, o currículo, as disciplinas, por ser mais que uma *prática escolar*, ser uma *prática cultural*, política, portanto, intencional e militante, que tem como premissa primeira, a interlocução/engajamento de todos os profissionais das diversas áreas do conhecimento.

A leitura sempre foi tema de estudos, debates, pesquisas, terreno fértil para discussões fecundas e permeadas de sentidos plurissignificativos. Roger Chartier, (2001), ao discutir a história de leitura, o papel do leitor, do livro, as práticas de leitura, chama atenção para “as revoluções da leitura”, pois afirma que quando a leitura se estabelece no mundo das escolas, das universidades, ela se torna uma prática intelectual. A leitura *monástica* seria a da “mastigação”, o ritual era ler em voz alta, de forma atenta, corpo disciplinado, havendo aí um controle, uma vigilância, o corpo recebe a palavra sagrada por meio desta leitura que se vincula á prece, enquanto que a leitura do mundo *escolástico* é por sua vez uma leitura que busca o deciframento da compreensão. Ainda de acordo com Roger Chartier, (2001), nos séculos XII ou XIII, surge uma técnica ou método de leitura, que vai do deciframento da palavra e compreensão do sentido do texto à compreensão da doutrina.

Deseja-se ajustar a mensagem religiosa ou a utilidade na vida cotidiana – a chamada alfabetização funcional, que chega ao longo dos séculos XIX e XX, tendo a definição da leitura como acesso à cultura, a um mundo de obras que devem permear a mente e a ética.⁴ Já

⁴ O estudo realizado por Roger Chartier toma como base a sociedade francesa e estende alguns dados para a pesquisa feita também na Inglaterra.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

nos séculos XVI e XVII, a leitura silenciosa, é tida como perigosa, pois permite a cada um desenvolver seus próprios pensamentos a partir dos textos recebidos, sem possibilidade de controle por parte da comunidade ou da autoridade, é o que hoje discutimos como *autonomia do leitor*, que desde os séculos citados, já se delineia nas frinchas, na desobediência à ordem estabelecida. O *leitor caçador*,⁵ como exprime Michel de Certeau, (1994), é nômade, caça em terras alheias sem tomar o lugar *de/do autor*.

É necessário, portanto, que o leitor assuma a sua condição de leitor “criativo e caçador” conforme assinala Michel de Certeau (1994, p.228) e busque na leitura as várias formas de enfrentamento, análise e reflexão do que lê, percebendo antes de mais nada “o que lê, para que lê e por que lê.” Quem lê reflete, analisa, escreve. Ao ler, o leitor estabelece *a relação dialógica* com o texto, assume posturas através do processo dialético, rompe com o estabelecido e converge para a (re)elaboração criativa do pensamento, torna-se co-autor simultaneamente.

Assim, fica evidenciado o duplo registro histórico do ensino escolar e dos seus suportes, a fim de que compreendamos a definição de leitura e seus fins. No primeiro caso, a alfabetização funcional, utiliza como suporte as cartilhas, catecismos e silabários – material que mistura uma didática religiosa com a aprendizagem da leitura. Já a leitura numa perspectiva de abertura e não inculcação ideológica, e sim, agudização do senso crítico, leva a inventar manuais e enriquecer seus conteúdos. É, pois, fundamental, perceber que ao longo do processo histórico, a educação das classes populares era vista como um elemento de desordem, pois podia desequilibrar a sociedade e fazer com que os filhos dos camponeses e artesãos desejassem sair de sua condição multiplicando a população de intelectuais frustrados que cresceu na Inglaterra das primeiras décadas do séc. XVII ou na França de meados do séc. XVIII.

Observem, pois, o poder da leitura como maior possibilidade de inserção social, organização de classes, senso crítico, articulação política, e, sobretudo de modificação da

⁵ O moleiro humilde do séc. XIV em Friuli, interior da Itália., Menocchio, conforme descrito em *O Queijo e os vermes*, de Carlos Ginzburg, 1987, foi *leitor caçador* e ousou ler para além da ordem estabelecida, o que lhe valeu o processo de inquisição pela igreja católica.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

estrutura social vigente, provocando o receio, o medo, o cerceamento por parte dos poderes constituídos, que viam na organização dos camponeses, a leitura como elemento de desordem, de não-submissão, de enfrentamento das adversidades, mesmo em contextos tão pouco democráticos.

Não é à toa, que as comunidades camponesas, e urbanas, conforme estudos de Roger Chartier, (2001), têm a partir do séc. XVII, a idéia de que se um filho sabe ler e escrever pode modificar sua condição, encontrar emprego, estar a serviço de uma casa de notáveis ou de aristocratas. Outro fato interessante no séc. XVIII são os anúncios de jornais, nos quais as pessoas solicitam algum empregado ou empregada que soubesse ler ou escrever para ajudar os patrões nas tarefas cotidianas.

O ato de ler requeria certas capacidades de leitura conforme as formas do texto. Por exemplo, se aprendia a ler com os textos impressos e desta maneira, alguns leitores, podiam ler a letra impressa em caracteres romanos, mas não a escrita à mão. Para ler um texto impresso, supunha a capacidade de produzi-lo e que antes de ler aprendera a escrever. Estes dois momentos estão separados em todas as doutrinas e práticas pedagógicas. Ensinava-se a ler separado do ensinar a escrever, o ensinar se dava de forma dicotômica. Isso se deu até o começo do século XIX, quando se estabelece na França, a simultaneidade de ambas as aprendizagens.⁶ Havia, portanto, muita gente que podia ler, mas que nunca aprendeu a escrever. E a assinatura, pertence, pois, a essa aprendizagem da escrita.

E as mulheres onde estão neste contexto? Qual a inserção das mesmas no mundo da leitura/escritura?⁷ Às mulheres, bem como aos alunos mais humildes, dos meios dos artesãos

⁶ Cf. para maior aprofundamento os estudos de Roger Chartier, 2001, In: *Cultura escrita, Literatura e História*, que explicita juntamente com outros autores, como Daniel Goldin, Carlos Aguirre, Anaya Jesús, o mapa da história dos livros, a compreensão da cultura escrita, as práticas de leitura, o papel do leitor e da leitura a compreensão das obras clássicas, e canônicas, as fontes e os meios que permitem o historiador refletir sobre o ato sempre efêmero e misterioso que é a apropriação de um texto.

⁷ No Brasil a educação feminina aponta as últimas décadas do século XIX como sendo necessária a educação para a mulher. Denuncia-se a falta de mestres e mestrizas com boa formação, devido ao abandono da educação nas províncias, já sinalizado desde o início do império. Em resposta aos reclamos sobre a grave situação da educação, em meados do séc. XIX, algumas medidas foram tomadas e logo começaram a ser criadas as primeiras escolas normais para formação docente. Para maior aprofundamento cf. *Mulheres na sala de aula* de Guacira Lopes Louro, 2000.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

e dos camponeses, a escola oferece apenas a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita. O que ratifica a exclusão, discriminação dos grupos das mulheres, dos pobres e camponeses. Entretanto, havia nos séculos XVII e XVIII, muita gente que conquistou a escrita e a leitura fora de todo o marco escolar. Essa entrada na cultura escrita sem a mediação da escola, deu-se por meio do encontro de algum personagem singular com os livros, conforme atestam algumas autobiografias do século XVIII, na França.

Tudo se dá *com, na e pela* leitura. Ela agudiza o senso crítico, faz perceber a ideologia subjacente aos textos veiculados socialmente. Faz interagir intelectualmente com discursos elaborados dentro de regras específicas com sintaxe, léxico, e universo de referências próprias. A leitura implica tensão, desacordo, não linearidade, debate, diálogo, mudanças, humildade, pois às vezes não adentramos em certos textos com facilidade, necessitamos voltar a outras leituras para depois retomar aquela que nos pareceu impossível compreender naquele momento, naquele contexto. Devemos, pois, utilizar nosso acervo de leituras realizadas no sentido *lato sensu* (de textos não apenas escritos) e buscar por analogia, estabelecer sentidos/diálogos, com as novas leituras que nos são apresentadas. Ler é, pois, vital. Por isso, Umberto Eco (1995, p.44), afirma: “As leituras falam de leituras e todo leitor lê uma história já lida”. Ler é, sobretudo, ler os implícitos, os não-ditos, conforme já mencionamos neste texto.

Terceiro deslocamento: Leitura e poder

Depois dessa primeira reflexão panorâmica na história, percebemos o quanto a leitura sempre esteve vinculada ao poder, a inserção social, a libertação, a compreensão do mundo, de si, e do outro/a, como formas concretas de existência significativa.

Assim afirma Alberto Manguel, (1997,p.19-20):

Todos nós lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar é nossa função essencial. Aprendi a escrever muito tempo depois. Aos sete anos de

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

idade. Talvez pudesse viver sem escrever, mas não creio que pudesse viver sem ler. Ler - descobri-vem antes de escrever [...] uma sociedade pode existir sem escrever, mas nenhuma sem ler.

Nesse sentido, o nosso alargamento acerca do poder que a leitura nos concede permite que, para além da palavra escrita, leiamos o mundo, as imagens, a cidade, a escola, os outros e a nós mesmos numa postura sempre interrogante, desconfiada, que nos impele a pensar sobre o grande texto social que nos engendra, e nos faz permanentemente ativos no mundo. Assim, nossa concepção de leitura e de leitor se respalda nas idéias de Paulo Freire, (1985, p. 11), que diz: “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Portanto, o leitor na concepção freiriana, lê para além do código escrito, lê as muitas linguagens disponíveis na cultura e, portanto, no mundo. Construindo sentido, sendo co-autor, interagindo sempre com a leitura realizada.

Sobre o leitor Freire (1985, p.11) afirma: “A compreensão do meu ato de ler o mundo em particular em que me movia é absolutamente significativa [...] re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida quando ainda não lia a palavra.”

É nessa leitura, que acreditamos. Na que nos move ao encontro do conhecido, do desconhecido, do dócil, do incômodo, e que nos enriquece e nos transforma de algum modo. Para tanto, se faz necessário ler tudo o que nos rodeia através do sentido tátil, olfativo, visual, auditivo entre outros, deixando vir às memórias e as experiências passadas que fazem parte do percurso do leitor/a, é fazer o que nos assinala Paulo Freire: (1985, p.12) “a leitura da *palavramundo*”.

Mas o poder da leitura é pulverizado e traz implicações diversas às nossas ações cotidianas, desde as mais simples como pegar um ônibus, verificar o troco, tomar um remédio, ler/fazer uma receita, ler um manual, saber chegar numa rua, pagar os boletos nos *cachs* eletrônicos, sacar/transferir dinheiro, nos faz sentir autônomos ou dependentes, e/ou aliados de um processo social mais amplo, cujas demandas exigem mais e mais do sujeito leitor/a, já que o mundo da oralidade se organiza de forma diferenciada do mundo da escrita já que nos movemos entre palavras, imagens, sons e cores. O analfabeto é mais dependente, vive o drama de não se sentir incluído no mundo da escrita para realizar ações das mais

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

simples às mais complexas. Usa estratégias diversas para ler o mundo e nele se movimentar com eficácia. Ler os ônibus pelas cores, faixas, observam as ruas e referências nelas contidas, mas sabem que são precárias e provisórias suas estratégias, pois o dinamismo, as mudanças de cores, *design*, de rota, entre outras, os deixam perdidos, atônitos dependentes de outras pessoas, às vezes, ou na maioria das vezes, são ludibriados, roubados, enganados.

Quarto deslocamento - Leitura e escrita: práticas sociais concretas

E para que essa reflexão se contextualize como prática social concreta, convidamos para o diálogo novamente Eliana Yunes, (2001) que afirma:

Na sociedade brasileira, uma das metades não lê porque não sabem, a outra porque não quer. Por que então insistimos na escola? Pelo diploma, pelo cumprimento formal de um rito ao universo de produção? Repito, vamos à escola “aprender a ler” e saímos de lá detestando tudo que se relacione com ela: estudo, pesquisa, produção textual etc. (YUNES, 2001, p.1)

Esse quadro de desigualdade no acesso aos bens e usufrutos culturais nos coloca permanentemente atentos e mobilizados, por entendermos ser perverso e gritante o não-acesso ao mundo da leitura do código escrito, haja vista que nosso processo de alfabetização é entendido, hoje, como uma aprendizagem que dura a vida toda e não apenas um momento pontual da vida do sujeito leitor/a. Cabe, pois, a todos/todas educadores/as o desafio de formar leitores/ras. Para Eliana Yunes, (2001, é preciso considerar que a leitura é,

[...] a mais cara moeda do século: quem está informado pode com mais rapidez e clareza fazer escolhas. [...] Sem dúvida a leitura por si só, não resolve os problemas sociais e/o individuais, mas ter opções, compreender as situações, é menos amargo do que ser levado, sem domínio, ao que se passa em torno. (YUNES, 2001, p.2),

É por entendermos os poderes que a leitura nos concede e que está no bojo de nossas memórias, nossas lutas, nosso poder de reinventar, ousar, compreender, discordar, desconfiar, que, ampliamos nossa concepção de *poder-saber* a partir dos conceitos *foucaultiano* (2003,

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

2004), de *poder-saber*, haja vista que as relações sociais são marcadas pelo poder, o qual nos incita a estar na arena de luta pela formação continuada de alunos/as, professores/as, pesquisadores/as, uma vez que somos todos/todas eternos aprendizes.

Para Michel Foucault, (2004 p.21), não há saber neutro. Todo saber é político, porque todo saber tem sua gênese em relações de poder. Nesse sentido, a amplitude do que afirmam as teóricas feministas, ratificam o entendimento do saber-poder, ao afirmarem que “o pessoal é político”, e que é citado por Gabriela Castelhanos, (1996), de forma a dialogar com Michel Foucault (2003,2004), no seu entendimento acerca do *saber-poder*, o qual acrescenta que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber. O saber funciona na sociedade dotado de poder. É enquanto é saber que tem poder.

É a partir dessas reflexões que a tessitura do poder, saber discursivo se encarnam nos cenários investigados por Michel Foucault.

O saber para Michel Foucault, (2004, p.14-15) nos remete a uma compreensão sobre as relações humanas produzidas pelas culturas e nas sociedades. O saber é, portanto, relativo ao invés de absoluto e é objeto de lutas políticas, uma vez que se constitui em um dos meios pelos quais se constroem as relações de poder.

Os saberes se produzem e se compartilham através de determinados tipos de discursos, desde os científicos aos narrativos, tanto nos relatos literários como na vida cotidiana, passando por toda gama de discursos profissionais.

Em relação ao poder Michel Foucault, (2004, p. 15) afirma:

O poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona como uma maquinaria, uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício sejam feitas dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar. Ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de força.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

É exatamente nessa relação de forças, de resistências, de redes discursivas móveis e transitórias, que se distribuem por toda a estrutura social os mecanismos e estratégias do saber-poder, os quais estão localizados em diferentes pontos na estrutura social funcionando como rede de dispositivos ou mecanismos que nada ou ninguém escapa; não há fronteiras nem limites, são movediços, circulares e circundantes e produzem sentidos explícitos, implícitos e subentendidos.

Esperamos que os leitores/as a partir das reflexões tecidas até aqui, já tenham se dado conta do quanto *ler é poder*, bem como tenham compreendido que o interesse de formar leitores é demasiadamente perigoso para todos os segmentos sociais, instituições, poderes constituídos e institucionalizados que não queiram ser questionados, nem modificados frente às reivindicações dos que se indignam diante do não-acesso irrestrito a todos que têm fome de justiça social, de leitura, palavras, sons, imagens, histórias, mapas, cores, letras, paisagens, corpos, números, vida...

Escrever e se inscrever no texto que produz: o processo de autoria

Quinto deslocamento – Professor/a: mais que avaliador de um texto, um orientador/a.

Segundo Pereira (2007, p.2), discutir sobre o ensino-aprendizagem de produção de texto, é buscar compreender como a sociedade e a linguagem estabelecem relação de mútua constituição como essa relação de interdependência é fundamental para a compreensão e desenvolvimento de práticas de ensino e de aprendizagem da escrita em diferentes espaços sociais de letramento. É procurar compreender a escrita enquanto ação social.

Assim, os sujeitos produtores de textos perceberão os diferentes gêneros que circulam socialmente e a partir das demandas da escola, da universidade e das suas necessidades pessoais, aprenderá como escrevê-los. Mas para isso, é preciso encontrar mediadores desse processo, que funcionem como orientadores, leitores dialógicos que realizam intervenções sistemáticas na escrita dos alunos e alunas, de forma a sistematicamente fazê-los repensar seu

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

modo de dizer, de usar e operar com a linguagem, considerando as condições de produção já recorrentemente conhecidas e divulgadas nas obras de Geraldi (1999).

1. Tem o que dizer?
2. Tem uma razão para dizer o que se tem a dizer?
3. Tem para quem dizer?
4. Constitui-se como locutor que se compromete com o que diz?

É inegável que o sujeito constitui-se pela experiência e que esta experiência, refletida nos gêneros acadêmicos científicos produzidos ao longo da itinerância acadêmica na universidade, a exemplo do memorial formação, memorial de leitura, artigos científicos, artigos de relato de experiência, ensaio monográfico, etc, marcam as conquistas do sujeito que se mostra e se expõe, mas, ao fazer isso, escolhe o que quer que saibamos dele, ou melhor, exhibe-se no que ele julga ser o melhor de si. Não sem dificuldades, relutâncias, pausas, incompletudes, mas com todo esse forjar que forma e transforma no que somos e no que continuamente ainda estamos construindo de nós e sobre nós.

Vão sendo ratificadas a cada semestre de convivência com os alunos e alunas do curso de Letras, que essas transformações são forjadas e se constituem como um olhar *retrospectivo* sobre si mesmo, sobre o fazer docente exigindo ainda, um olhar *prospectivo* sobre a formação desse profissional que está sob a nossa co-responsabilidade, pois sendo ele sujeito de sua aprendizagem, responsável por sua formação de leitura e escrita, compartilhamos responsabilidades, pois também nos cabe mediar essa formação.

Quando falamos de mediação sabemos que pode haver interação sem mediação, mas nunca uma mediação sem interação. A educação, de fato, pode ser utilizada pelos educadores e educadoras como possibilidade de transformação humana, pois, na expressão do educador Paulo Freire (2001, p.55): “Ensinar exige consciência do inacabamento. O inacabamento do ser humano. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente.”

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Este “inacabamento humano”, que vai sendo revelado ao longo de cada semestre letivo, vai sendo força motriz para o que o educador Pedro Demo chama de “esforço reconstrutivo do aluno/a”, pois sem esse esforço não é possível crescimento intelectual, muito menos formar leitor autônomo e produtor de texto que se traduza em seu discurso representando os diversos papéis que os lugares sociais exigem. Como por exemplo, lugar do aluno, lugar do professor, lugar do estagiário, lugar do representante do DA, etc. Daí ser possível acreditarmos na mudança de cada ser humano mediada, entre tantos fatores, pela educação, porque é ela que torna homens e mulheres conscientes de seu ser/estar e fazer no mundo.

As histórias de vida/de leitura dos sujeitos com os quais convivemos e partilhamos saberes, nos faz refletir sobre as representações acerca de si mesmos e dos outros, as tristezas, as reflexões, os sonhos e as experiências vivenciadas, todos esses elementos são passíveis da análise, de pesquisa, de redimensionamento do nosso fazer pedagógico. E nos impele a compreender o nosso papel como mediar e orientador dos processos de leitura e escrita dos alunos. O que significa sermos leitores e produtores de texto de diversos gêneros textuais, em potencial dos gêneros acadêmico-científicos? Como ensinar o que, o que não praticamos e não exercitamos? Como realizar a análise lingüística dos textos produzidos pelos alunos do curso de Letras?

É, pois, fundante que sejamos referência do nosso discurso e do nosso fazer acadêmico. Que sejamos leitores e produtores dos gêneros acadêmico-científicos e partilhemos nossas produções em sala de aula e em tantos outros espaços de debate e circulação do saber.

Sexto deslocamento - Aprende-se a escrever, escrevendo.

Jorge Larrosa (2001) demonstra que a compreensão sobre o que nos toca, nos faz saber algo que não está nas informações lidas, mas no vivenciar dos fatos, é isso é o desafio que nos impele a pensar nos processos de escrita e leitura uma experiência como

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

intransferível. É pessoal. Única. Singular. Plural. É feita de nós, linhas, pausas, emoções, cores, tons que variam e se mesclam, num ir e vir de meditações, confissões, desabafos, crenças que vão brotando, como se fosse uma necessidade urgente num momento único, em que ao dizer (re)vive, (trans)forma, forma e (in)quieta.

Por isso quem escreve se inscreve no texto que produz. Para Jorge Larrosa (2001, p.3), “[...] a possibilidade de que algo nos aconteça requer parar para pensar, requer um gesto de interrupção, parar para olhar, para escutar, para sentir, tudo isso mais devagar, demorar nos detalhes, calar muito e ter paciência.”

Por isso nossa fala nesta mesa-redonda de hoje deve estar permeada com poesia, dores, confissões, emoções, incertezas, tristezas, crenças, fé e esperanças que nos convida a dialogar com as palavras poéticas de Manoel de Barros (1990), que expõe sobre seu processo de criação. Ele diz que assim como se lava roupa no tanque, ao batermos nas palavras, as espumas que ficarem no ralo serão boas para o início do texto. Depois é ir imitando os camaleões que se mostram de formas e cores diversas, sendo lesma, pedra, lata. As palavras do nascer adubam-se de nós; seduzem ao poeta e fazem reaprender a errar a língua, fazendo desse processo uma desarrumação da cartilha.

E nosso convite está lançado aos alunos e alunas que compartilham comigo dessa mesa trazendo suas experiências de leitura e escrita em sala de aula, sendo mediadores na formação de outros tantos leitores e leitoras e produtores de texto.

Novamente trazemos para nossa reflexão, o educador e escritor Jorge Larrosa (2001, p.3), que afirma: “[...] ninguém pode aprender da experiência do outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.” Nada pode substituir nossa experiência de escrita e de leitura.

Cada leitor traz para si sentidos únicos e marcados pelo que tocou, refletiu e sentiu e isso podemos perceber ao ler e partilhar os textos dos nossos alunos e alunas.

Convidamos ainda, para tecer conosco este texto, o educador da esperança Paulo Freire (2002), que militou nobremente pela educação e, portanto, a favor da vida. Para esse educador: “[...] não posso continuar sendo humano, se faço desaparecer em mim a

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

esperança [...] a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho.” (FREIRE, 2002, p. 88). Se esse sonho é coletivo, as mudanças, ainda que incipientes e tímidas, certamente aparecerão e, de forma sensibilizadora e exitosa, lançarão outros convites a tantas outras pessoas em diferentes espaços de aprendizagem.

Conclusões

Em síntese, podemos destacar que ler e escrever são processos que estão imbricados, mas se constituem de diversas formas e distintos objetivos. Nesse sentido, a universidade não pode mais trabalhar de forma fragmentada, isolada em áreas do conhecimento. É fundamental o diálogo entre as áreas, os vários olhares e saberes, a fim de construirmos uma prática menos simplista e mais sistematizada e aprofundada. Para tal, acredito ser imprescindível realizar o que nos aponta Eliana Yunes (1998), que uma prática pedagógica desta natureza não pode ser oferecida por um único professor, sob a pena de se disciplinarizar em uma visão de mundo, um tipo de leitura sob um determinado recorte ou com interpretantes recorrentes. Construir um corpo docente circulante, de vários departamentos, de diferentes grupos de pesquisa, é imperioso, de forma que buscando todos os mesmos fins, contribuam com suas diferentes práticas interpretativas, suas diferentes leituras, para a formação do leitor/cidadão entre universitários. É preciso provocar deslocamentos para que a prática multidisciplinar comece a emergir.

A vida é por excelência multidisciplinar, já observamos como produzimos nossas existências? Se formos refletir sobre uma atividade cotidiana simples como, por exemplo, comprar um livro, fazer o supermercado, acionamos conhecimentos matemáticos, geográficos, históricos, culturais e ainda vamos lendo, selecionando, inferindo, realizando escolhas que nos incita a articular conhecimentos, habilidades e competências variadas, mas não nos damos conta disso. Realizamos essas atividades de forma automatizada, sem nos dar conta das leituras realizadas durante todo a nossa atividade.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

É urgente, pois, que constantemente façamos nossas reflexões sobre nossa própria capacidade de formar leitor e leitora. Forma-se leitor/a sem ser leitor e leitora? Impossível. Formar leitores e leitoras exige trabalho prático, ação recorrente, e intelectual constante. As reflexões apontadas neste caso já são um começo para que a universidade constitua o espaço da discussão e das propostas interdisciplinares e multidisciplinares, em ações conjuntas e efetivas.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. *Gramática expositiva do chão*. (poesia quase toda). São Paulo: Civilização Brasileira, 1990.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história* : conversas de Roger Chartier, com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1985.
- GERALDI, Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 2002, 3º Ed. 271 p.
- GRAMMONT, Guiomar. Ler devia ser proibido. In: PRADO, J e CONDINI, P.(orgs). *A formação do leitor*: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- YUNES, Eliana. *Pelo avesso: a leitura e leitor*. RJ: PROLER, 2001.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

JORNAL A TARDE. YUNES, Eliana. Ora, direis, leitura! 23.10.1998.

LARROSA, Jorge. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. *Leituras*. nº 04.

Secretaria Municipal de Educação. (SME). Campinas: julho 2001.p.1-4.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORY, Mary. (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

MANGUEL, Alberto. *Uma história de leitura*. São Paulo: Cia .das Letras, 1997.

PEREIRA, Rodrigo Acosta. Ensino de produção textual: questões teóricas e didáticas. *Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*. Ano 04 n.06-1º Semestre de 2007.